

o âmago das coisas

rafael de souza

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



Sumiço

A chave do portão sumiu...

Estará lá fora?

Terá ido passear

com os papagaios,

ou foi tomar o sol

minguante sem se queimar?

Preciso dela (imediatamente)

para abrir o cofre

da consciência

e retirar de dentro dele

a promissória

com que jurei pagar

à fechadura

o seu sumiço.

Olho sob o tapete carcomido

e só enxergo pó e

detrito do que larguei.

Empurro a cômoda e diviso

o incômodo das quinas

e o murmúrio dos recantos.

Arrasto o sofá e — estará lá?
Não, não está...
Breve deverá voltar.
O figo amolecido
— está na hora de jogá-lo —
e a castanholeira — está
no tempo de podá-la.
Entretanto, atino ser
o verbo “estar” o que
mais repito. É besteira — digo —
e volto a ficar com medo
de trancar-me ao segredo
dos verbos tatalados.
Com medo? Sim, com medo, pois
o medo é o que produz
segredo: não há segredo sem medo;
e das vezes em que me tranquei
precisei ir ao socorro
de mim mesmo. Onde estará
a chave? Terá se perdido? Terá ido
ao metrô? Se foi, por que celular
não levou, para às minhas chamadas
retornar, e repassar o seu paradeiro.

Mas é assim mesmo:
chaves se perdem...
Tomara, no entanto, que não
me venham más notícias
suas — sei lá, que ela
partiu de qualquer jeito, porque
das minhas trincas criou nojo,
ou do espojo do canário
em gaiola rarefeito. Talvez
criado asas tenha, e foi-se
encontrar com outras chaves
por aí, num chocar-se
reticente, ou inclusive
precisou se desfazer de si mesma.
Nesses casos,
recorro ao óbvio: não me deixar
dominar pelo transtorno —
este, e somente este,
nunca deixou de ser
meu ópio.

Brasília, um dia

Entre o passado

e o presente

há o agora,

e esta hora

não demora

a desmanchar

o ar quente

vigente lá fora.

Corre o tempo,

corre o motoqueiro,

o taxista foge,

azafamado,

com fome

de dinheiro.

E o dono

da bicicleta

não se aquieta

sob o halo de luz

que alumia

seu olho

vermelho.
Do outro lado,
na quitanda
do André —
sabe como é? —,
não se compra
fiado. E o
doutor Macêdo
acordou cedo
e já superou
em poucas horas
o sofrido saldo
do professor
Arnaldo.
E o motor
do ônibus
(o elevador)
lotado
de lado
a lado
e o sabor
do caldo
do feijão

e do ovo
assado.
Mal passado
é o fígado
acebolado
do restaurante
cujo prato
(*self-service*)
custa
90 reais.
(Mais caro
é o vário
bramir
da paz
e do medo
nos recantos
sociais.)
E a vértice
angular
da pirâmide
maçônica
ressuma
assombro

na penumbra
crepuscular,
enquanto o Zé
do cachorro-quente
passa a perna
no cliente
que promete
em segredo
nunca mais
ali voltar.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Caslon
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2021.
